

Introdução

Nas décadas de 1960 e 1970 foram muitos os militantes de esquerda que se confrontaram com o cárcere político. Flávia Schilling foi um deles e durante sete anos e meio teve como endereço as prisões políticas uruguaias. O projeto maior em que essa apresentação se insere visa à construção da biografia política de Flávio Koutzii, mas aqui o olhar volta-se para Flávia, já que seguidamente suas trajetórias aparecem conjuntamente referenciadas.

Aos 18 anos, em 24 de Novembro de 1972, Flávia foi presa em Montevideu acusada de militância clandestina no grupo Tupamaros. Durante a prisão, Flávia escrevia para sua “querida família”, narrando o seu dia-a-dia no cárcere.

Demarcando o estudo ao período da prisão política – 1972-1980 – essa comunicação propõe-se a analisar as cartas escritas por Flávia, publicadas em 1980 no livro “Querida liberdade”.

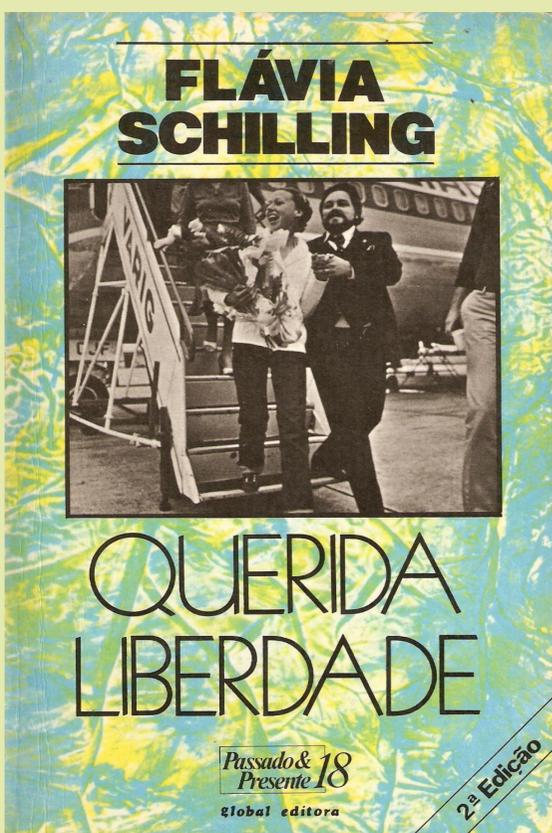
Problemática

De que modo essas cartas expressam formas de resistências encontradas por Flávia à disciplina prisional?

Como podemos situar a publicação do livro “Querida liberdade” no contexto dos anos 1980?

Referenciais Teóricos

Os referenciais teóricos da análise são as noções de: escrita de si, resistência e memória.



Fonte: Capa do livro “Querida Liberdade”

Referenciais Bibliográficos

- CARDOSO, Lucileide Costa. Construindo a memória do regime de 64. In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, nº27, 1994.
GOFFMAN, Erving. Manicômios, prisões e conventos. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003;
GOMES, Angela de Castro. Escrita de si, escrita da história. Rio de Janeiro: FGV, 2004;
KOUTZII, Flávio. Pedacos de morte no coração. Porto Alegre: L&pm, 1984;
MORAES, Maria Lygia Quartim. Direitos humanos e terrorismo de estado: a experiência brasileira. In: *Cadernos AEL: Anistia e direitos humanos*. Campinas: UNICAMP/IFCHA/AEL, Vol. 13, n. 24/25, 2008.
ROSA, Susel Oliveira. Flávia Schilling e a escrita de si como dispositivo de resistência. In: *Revista Labrys: estudos feministas*. Brasília: 2009.
SCHILLING, Flávia. Querida Família. Porto Alegre: Coojornal, 1978;
SCHILLING, Flávia. Memória da resistência ou a resistência como construção da memória. In: PADRÓS, Enrique Serra et al. (orgs.). *Ditadura de Segurança Nacional no Rio Grande do Sul (1964-1985): história e memória*. Porto Alegre: CORAG, 2009.
SCHILLING, Flávia. Querida Liberdade. São Paulo: Global Editora, 1980.



Fonte: Cartaz Comitê Brasileiro pela Anistia/ RJ. APERJ.

“Não se pode ficar distraído, é preciso saber o tempo todo que isso existe [controle minuciosos de quase tudo], que nessas minúcias, está o espaço de resistência.” (SCHILLING [2009], p.151).



Fonte: Selo CBA publicado pela imprensa alternativa.

Resultados Preliminares

Pensando a publicação do livro “Querida Liberdade” como pertencente ao “surto memorialístico” pós 1979, observamos que são inúmeras as passagens das cartas nas quais Flávia aponta as formas por ela encontradas para resistir à “tensão permanente” e à “rotina esmagadora” do cárcere. São pequenas atitudes, atividades e distrações utilizadas por ela e suas companheiras que possibilitaram meios de resistir - e porque não de sobreviver? – ao cárcere político uruguaio.